



MIRANDO O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DA CIDADE DE MACEIÓ A PARTIR DA PERSPECTIVA DO MIRANTE FLORIANO PEIXOTO: Um retrato da expansão urbana para o litoral norte da cidade. ¹

CERULLO, Flávia Campos ²; SOUZA, Helena dos Santos ³; TAVARES, Ingrid Maria Lima ⁴

Resumo

O presente trabalho retrata reflexões acerca do processo de urbanização da cidade de Maceió - AL a partir da perspectiva do Mirante Floriano Peixoto, localizado no bairro de Ipioca (litoral norte da cidade), tendo como objetivo no estudo desse local o entendimento acerca do processo de construção e desenvolvimento da cidade baseado nas compreensões de um olhar diferenciado, o mirar do alto de espaço público. Para isso nos utilizamos de revisões bibliográficas explorando os processos de construção da cidade e dos mirantes, como também do conceito de paisagem e de diversos assuntos transversais aos conceitos abordados. Tais buscas serviram como base para esse estudo que contou ainda com visitas de campo para melhor apreensão do espaço urbano e suas inter-relações, assim como também para que pudéssemos explorar nossas próprias percepções do local através de observações etnográficas e jornadas de deriva. Os registros realizados a partir da perspectiva do mirante visaram se manter como fontes de observação dos desdobramentos da influência do setor imobiliário e turístico sobre as políticas de ocupação, produção e transformação de espaços da cidade, que segundo o observado demonstram a grande influência dos setores imobiliário e turístico sobre os processos de assentamento urbano.

Palavras chaves: Mirante; Expansão Urbana; Políticas Urbanas.

1. INTRODUÇÃO

A partir da possibilidade de avistar reflexos das transformações que a expansão da capital alagoana proporcionada aos bairros e comunidades existentes no litoral norte da cidade, o presente trabalho se propôs a propiciar uma reflexão acerca da estrutura da cidade a partir do olhar de um mirante. Para isso se fez necessário uma busca para compreender as relações que transpassam essa estrutura arquitetônica e tudo que a compõe para que se apresente de determinada forma, atentando ainda para a expressão paisagística apresentada, buscando o entendimento não só do ponto de vista do outro para significá-lo, como também nossas próprias impressões acerca desse espaço, considerando seus aspectos físicos e culturais, por entendê-los como formadores de seu significado representativo.

¹Trabalho produzido a partir de pesquisa interdisciplinar realizada por meio da iniciativa de Iniciação Científica do Centro Universitário Tiradentes – Unit/AL intitulada “Mirar a cidade: estudo da percepção da paisagem urbana do litoral norte de Maceió a partir das relações constituídas no mirante de Ipioca.”

² Coordenadora e docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – Unit/AL. flavia_campos@al.unit.br

³ Discente de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – Unit/AL. lenass27@hotmail.com

⁴Discente de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – Unit/AL. ingrid_tavares@live.com



Como ponto de observação dos reflexos do desenvolvimento desordenado da malha metropolitana de Maceió foi escolhido o ambiente do Mirante Floriano Peixoto, localizado no bairro de Ipioca, que fica no litoral Norte da cidade. Esse espaço passou a ser bastante conhecido e visitado na cidade devido a toda paisagem natural e edificada que o envolve, tendo em seu entorno um cenário construído seguindo uma lógica de criação de uma memória histórico-cultural do espaço para criação de uma afetividade que tem como fim a produção de espaços para venda mercadológica da cidade. Tais processos ocorrem de forma a desconsiderar as subjetividades já existentes naquele espaço, assim como em todos os outros da cidade que acabam por ser engolidos pelos poderes dominantes que se apropriam do que se apresenta como grande possibilidade produtora de lucro aos setores turísticos e imobiliários, principalmente.

Seguindo a lógica que se pauta desde o primeiro processo de transformação do espaço que hoje ocupa a capital alagoana para tornar-se cidade, sua expansão segue em um constante processo de anulação das subjetividades que formam uma paisagem e permitem a transformação do espaço em prol da manutenção da dominância de poderes econômicos. A possibilidade de transformar a paisagem, se utilizando do natural, estruturando intervenções permanentes em alguns ambientes da cidade, deram aos poderes já dominantes mais uma nova forma de se instalar. Através da percepção da ampla gama de possibilidades proporcionadas pela venda de um espaço, por meio da ação dos setores turístico e imobiliário em parceria do Estado, a manutenção de um sistema desigual encontrou mais uma possibilidade.

2. METODOLOGIA

Para o presente trabalho nos pautamos, inicialmente, em pesquisas bibliográficas e iconográficas realizadas através de buscas nos arquivos locais e em portais virtuais de periódicos de instituições científicas, a fim de encontrar referências acerca da formação do bairro de Ipioca e de seu mirante, assim como da cidade de Maceió e de seu processo de urbanização, nos apoiando ainda em pesquisas acerca de conceitos essenciais a apreensão dessa temática, como a formação da definição de paisagem, processos de construção da cidade e dos mirante.



Tal busca serviu como base para que pudéssemos iniciar as visitas de campo de ordem etnográfica, a fim de compreender significados e significantes estabelecidos e relacionados ao ambiente do Mirante de Floriano Peixoto e a cidade de Maceió. As visitas iniciais realizadas apenas nesse espaço nos possibilitaram uma compreensão acerca da estrutura física do mirante de acordo com as necessidades e visões da população e da representação social que ele efetua na capital alagoana.

Porém para compreender um ambiente e perceber suas alterações se faz necessário atentar para a formação desse espaço no ambiente em que se encontra, entendendo que há um caminho que a cidade percorre em cada passo de sua formação, que ditam as transformações que ela sofre e produz. Assim, notar não só a distância do bairro de Ipioca, como também as transformações que a paisagem sofria no percorrer de cada centímetro até sua chegada foram importantes para obter noção de que o que nos aguardava não havia surgido do nada, assim entendemos como necessário para compreensão do lugar o entendimento de sua relação com outros espaços similares na cidade, realizando então visitas de campo com base no método da deriva nos demais mirantes da cidade, que foram mapeados para melhor compreensão de seus sentidos e significâncias.

Somente a partir disso retomamos as visitas ao Mirante Floriano Peixoto desenvolvendo uma maior percepção acerca de sua relevância na cidade. Tais visitas, agora com uma nova perspectiva de olhar acerca da estrutura dos miradouros e seus significados para a cidade, foram importantes para que pudéssemos enfim estabelecer determinado aprofundamento no local para produzirmos conclusões a respeito dos efeitos da expansão urbana de Maceió com vista desse local.

Todos os momentos de visita de campo eram seguidos de um espaço para produções textuais e iconográficas para diário de campo, no qual nos utilizamos inúmeras possibilidades expressivas desenvolvendo poesias, contos, cordéis, desenhos e fotografias, por entendê-las como parte dos dados colhidos a serem explorados e pensados, aliando-os a base referencial selecionada.



3. INTRODUZINDO CONCEITUAÇÕES – compreendendo de onde parte o olhar

Não há palavra que nasça sem que venha a se modificar por onde quer que passe. Para buscar a compreensão de qualquer coisa que exista nesse mundo que vivemos a recriar entendemos que antes mesmo é preciso apreender não só um pouco do que esse algo representa no meio em que se inscreve, mas também é necessária uma busca para saber com base em que esse algo se fez de uma determinada forma. Em apenas uma breve pesquisa por uma palavra em qualquer meio de busca online obteremos como resposta uma infinidade de significados. Se formos além e decidirmos entender algo mais profundamente, perceberemos que a depender de onde se fala sobre determinada coisa ela terá também um diferente significado e até formato.

3.1 PAISAGEM – espaço subjetivo de criação singular

Compreender o significado de um espaço ou de uma palavra demanda a delimitação de um ponto de vista ao que se olhe sobre algo, ainda que esse contenha em si a observação a partir de vários pontos. A compreensão de paisagem enquanto algo que integra diversos elementos físicos aos abstratos, passou por diversas modificações em nossa sociedade até chegar a esse entendimento que se tem hoje dela. Ainda que esse conceito não seja algo universal, chegando até a ser observável a inexistência dessa expressão em algumas culturas. Isso nos possibilita perceber o caráter subjetivo que essa palavra possui. (MADERUELO, 2010)

O que nos conduz ainda a entender a paisagem como algo subjetivo se dá pela compreensão de que ela é "no ló que existe.[...] se trata de una interpretación que se realiza sobre una realidad".

Espaços construídos, edificados, ou naturais, ainda intocáveis, estão contidos dentro do que observamos como paisagem. Esses ambientes nos permitem distintas percepções, interpretações e sensações que agem de maneira singular a cada indivíduo, ainda que possuam em sua essência o objetivo de provocar determinadas expressões e impactos sociais. A capacidade que um lugar possui de nos provocar ao sentir, faz com que esse seja capaz de nos direcionar a determinados comportamentos, como, por exemplo, de ocupação ou esvaziamento de um espaço, de necessidade em patrimonializar ou demolir uma estrutura. Isso acaba criando valores que se relacionam a noção de uma lógica estética de preservação



da memória, como nos diz Lynch (1980) “A paisagem é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado e contemplado.”

E se é algo para ser apreciado, lembrado e contemplado, é então algo produzido por nosso imaginário, idealizado por nossas produções mentais de maneira singular, ainda que diretamente influenciados por nosso meio social, já que não se pode considerar a produção de um indivíduo fora da sociedade. Por isso consideramos para apreensão desse conceito a visão de Maderuelo, que a entende como uma construção cultural,

“entiendo que el paisaje no es un ente de carácter objetual sino que se trata de un constructo mental que cada observador elabora a partir de las sensaciones y percepciones que apprehende durante la contemplación de un lugar, sea este rural ou urbano”. (MADERUELO, 2010)

Ao considerar esse caráter mutável da palavra e de sua representação entendemos que ela pode servir a diversos contextos e campos de diferentes formas, o que lhe permite ser apropriada para diversos fins. Isso se tornou uma grande chave às forças políticas e ao sistema mercadológico, que através da percepção dessa rede de possibilidades de afetações provocadas pela paisagem, pela construção de um território que nos leva a interpretações e sensações, encontrou mais uma ferramenta para manipulação de desejos e pensamentos da massa a partir da mercantilização dos espaços, tomando como base a construção imaginética de um espaço.

Devido a esse olhar cultural sobre a paisagem e, conseqüentemente, também sobre a construção da cidade é que se busca uma compreensão acerca do formato em que ela se apresenta e que nosso sistema busca apresentá-la, a fim de apreender então quais as concepções políticas que direcionam a formação de uma imagem em um território e direcionam nossa interpretação dessa dentro do meio.

3.2 MIRANTE – da subjetivação a objetificação de espaços de poder

Em algumas breves pesquisas em documentos textuais e iconográficos, dicionários, matérias jornalísticas e até entrevistas orais pudemos perceber a multiplicidade de significados que a palavra mirante possui. Em sua definição mais conhecida atualmente, mirante significa “Local, em ponto elevado, donde se apreciam vistas panorâmicas, e que pode ter muretas, ou constituir um pavilhão, com bancos, etc” (FERREIRA, 2010). Para chegar a tal noção foi necessário que essa palavra passasse por várias significações, ainda que dentro dela um fator de extrema importância tenha sempre estado presente, sua designação a



lugares que nos possibilitam mirar algo sobre o qual se pretende algum tipo de domínio, encoberto sob discursos de proteção ou apreciação.

Pode-se perceber isso a partir de algumas outras significações reveladas por registros mais antigos que nos mostram que a representação dessas estruturas nem sempre se deram no formato que a conhecemos hoje, assim como não nos serviam da mesma maneira que é proposta atualmente.

“MIRANTE, 2 - Quartos acima do telhado principal - ou mirantes - que constituem uma solução intermediária entre a casa térrea e o sobrado. O mirante - destinado nas cidades a aproveitar a luz e o ar - é um apêndice a guisa de torre por cima do telhado, já em uso no século XVII, e que se encontra em casas maiores, tanto em Salvador - Solar de Boa Vista - quanto em Minas Gerais - Casas do Contos de Ouro Preto. O mirante, tão comum na arquitetura de Portugal e dos Açores, é, sobretudo, típico das casas baianas do Século XVIII e primórdios do século XIX [In; Arquitetura Civil do Período Colonial - Robert C. Smith - Revista do Iphan - n.17 - 1969]” (DOREA, 2006)

Porém tal significação ainda deriva de outros momentos. A integração do mirante às casas no Brasil deriva da invasão dos portugueses, que já tinham consigo a noção de sociedade hierarquizada com necessidade de dominação sobre povos para manutenção de poderes, os mirantes podem ser identificados já nas primeiras embarcações a aqui atracarem, que traziam em seu suporte um cesto de gávea, “peça longa de madeira, de seção cilíndrica que, atravessada ou articulada em mastro ou mastaréu” (CHERQUES, 1999), que era utilizada como local de observação dos vigias, por se encontrar no ponto mais alto das navegações. Assim essa peça servia como meio de monitoramento dos navios, para avistar não só possíveis inimigos da viagem no mar, como também algo novo para explorar.

Assim os mirantes vieram a se tornar presentes na arquitetura brasileira primeiramente como forma de proteção para manutenção de um poder que desejava se instalar. Porém isso foi dando margem a novas utilizações e, conseqüentemente, novos discursos sobre suas utilizações, encobrindo esse significado até hoje impresso em suas representações. No início era observável principalmente nas Igrejas e nos Engenhos, onde o objetivo era também a proteção de possíveis invasores, assim como a manutenção do sistema escravista como forma de avistar todas as movimentações dos arredores desses espaços.

Ao passar a configuração de espaço público, o ambiente dos mirantes pode ser observado ainda como articuladores de espaços da cidade, onde se torna permitido que dois



espaços, ainda que separados por uma longa distância ou diferenças socioeconômicas, encontrem-se e interajam de diferentes formas, sendo um regente e conseqüente do outro, nos permitindo então perceber quais os ambientes que pretendem se articular na cidade.

Assim, desde o início de sua implantação até atualmente os mirantes possuem em sua estrutura não só a intenção de permitir a vista de uma paisagem, como também de possibilitar uma dominação sobre ela. Dessa forma, esse ambiente pode ser visto como uma representação do crescimento urbano da cidade. Onde, quanto mais ela se expande, faz-se necessário uma estrutura que determine esse crescimento, que na cidade de Maceió está aliada ao crescimento do setor turístico e imobiliário, sempre voltado para orla marítima. Isso se dá devido à referência característica que se pretende criar da cidade, a imagem que ela deve passar e a forma que deve ser vista por aqueles que não a conhecem e vivida por aqueles que aqui se instalam.

4. UMA PERSPECTIVA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE DE MACEIÓ

4.1 COMO SURGE ESSA CIDADE QUE A NÓS FALA

Maceió, situada no litoral do estado de Alagoas, possui seu nome originado da língua indígena Tupi “Maçayó” ou “Maçaió-k” e tem como significado “tapagem de alagadiço” ou “que tapou o alagadiço”, fazendo referência ao acidente geográfico ocorrido em sua região. Seu território está disposto em uma área disposta sobre terrenos sedimentares divididos geograficamente em três compartimentos bem caracterizados: o primeiro deles tem a variação de 3 a 5 metros e estende-se por todo litoral e margem lagunar, da Pajuçara até o Pontal da Barra; o segundo com altitude de 8 a 10 metros, tendo início na Rua do Imperador com Barão de Atalaia passando pela santa casa de misericórdia e seguindo para a Lagoa Mundaú; o terceiro nível varia de 40 metros na borda da encosta a mais de 80 metros na Cidade Universitária. (SIMÕES, 2012)

A metrópole que está em constante transformação traz a presença de conflitos desde do início da sua formação vinda das invasões sofridas no século XVII pelos portugueses, holandeses e espanhóis. Existem várias versões sobre a composição da cidade de Maceió e dentre elas entende-se como a mais coerente e amplamente divulgada é a do processo de



povoamento urbano a partir de um Engenho de Açúcar denominado de Maçayó, situado próximo ao atual Porto de Jaraguá que era a principal porta de acesso dos navios, o fundamental transporte para exportação dessa época. Assim, o povoamento da região inicia a partir da chegada para morada dos trabalhadores do engenho e também da formação de pequenas vilas, localizadas próximas ao mar, que foram constituídas pelas pessoas que se sustentavam através da prática da pesca. (COSTA, 1939)

Maceió tornou-se cidade somente após o desenvolvimento de seu comércio, que acarretou crescimento populacional. Passou de povoado a vila na data de 05 de dezembro de 1815, e somente mais tarde capital da província de Alagoas “no dia 16 de dezembro de 1839 foi instalada a sede do governo em Maceió. A partir daí Maceió consolidou seu desenvolvimento administrativo e político. Teve início uma nova fase no comércio e começou a industrialização” (IBGE). No entanto o processo de escolha da capital alagoana, não se deu com base no nível de desenvolvimento e estrutura adequada para recepcionar tal título, uma vez que Maceió sequer possuía o título de cidade, enquanto que cidades como, por exemplo, a atual Marechal Deodoro que se encontravam em um processo de urbanização e crescimento muito mais acelerado.

Tal fator já demonstra a controvérsia desse procedimento onde desde o início do processo de formação do estado de Alagoas e de sua capital, o que direcionava as decisões não era a coerência frente aos desenvolvimentos apresentados, mas sim as vozes das elites burguesas dominantes, que seguindo linhas de interesse próprio utilizavam de forças conservadoras para conduzir a história conforme seus desejos.

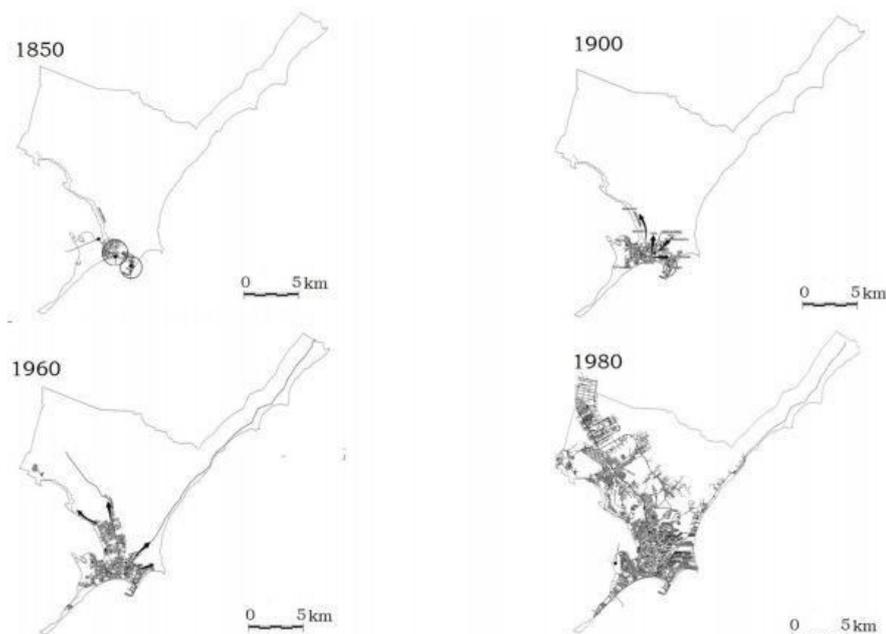
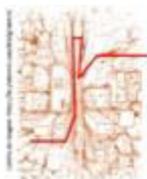


IMAGEM 00: Mapa esquemático da estruturação viária de Maceió a partir do Porto de Jaraguá de 1850 até 1980. Organizado por Romão. Base: Mapas das evoluções urbanas de Maceió (SEMPLA,2015).

A partir do século XVIII inicia então a fase de expansão e urbanização da cidade, que tinha como direcionamento a ocupação de regiões que se centravam principalmente aos arredores da zona portuária (CARVALHO,2007). A partir do ano de 1940 implanta-se na cidade de Maceió certa atratividade diante de tudo que se aproximava da água, terras próximas ao mar ou as lagoas que antes eram mal vistas e consideradas zonas voltadas para o desenvolvimento comércio, onde eram visibilizados transporte e a produção alimentícia, se ressignificam e ganham destaque em uma nova atividade econômica, o turismo, passando a ser considerado um meio de diversão e explorado por uma nova especulação (VASCONCELOS, 2016).

Então, como nos mostra Vasconcelos e como é possível de se observar, a cidade que tinha sua população concentrada nas áreas centrais passa a destinar sua atenção sobre as demais áreas litorâneas, iniciando o processo de segregação espacial, no qual às moradias de alto luxo passam a ocupar o litoral norte, área que hoje serve como cartão de visita da cidade e alvo constante da especulação mercadológica, enquanto que os demais espaços da cidade tornam-se marginalizados.



4.2. MIRANTE FLORIANO PEIXOTO

Localizado a aproximadamente 25 km do centro da cidade, o Mirante Floriano Peixoto, está situado no bairro de Ipioca que integra o litoral norte do estado de Alagoas e que é amplamente reconhecido por suas belas paisagens litorâneas e atrações histórico culturais, se tornando por isso território de expansão da capital alagoana e alvo de estudos como este. Divulgado como berço do segundo presidente da república, Marechal Floriano Peixoto, ainda que esse fato seja desconhecido por aqueles que habitam esse bairro, Ipioca atualmente é uma das áreas turísticas de Maceió que mais tem recebido atenção de empreendimentos turísticos e imobiliários, como também do Estado.

O bairro conta com atratividades turísticas como a Igreja de Nossa Senhora do Ó, restaurantes, como o Villa Chamusca, resorts, como o Salinas Maceió, e o mirante, além de espaços de serviço a população lá residente, como, por exemplo, praças, escolas e mercadinhos. Todos estes espaços citados encontram-se agrupados em um núcleo do bairro que fica a próxima a uma elevação conhecida como Alto de Ipioca, de onde pode se obter uma vista panorâmica das praias da região, o que a tornou apta à exploração mercadológica.

Após a implantação de alguns estabelecimentos comerciais próximos ao Alto de Ipioca a ação estatal sobre os espaços públicos, como o do próprio mirante, passou a se voltar a um processo de construção da imagem paisagística desse espaço. A pitoresca vila que abrigava uma histórica igreja, patrimônio material do estado, com praças agradáveis com vista a um imenso mar que de tão azul pode ser confundido com o céu em alguns períodos do dia, rapidamente foi visto como cenário perfeito para implantação de mercados de exploração, que viram nessa composição uma chave para seu êxito.

A partir da caracterização da área do mirante conseguimos entender um pouco mais da formação sócio-espacial desse local, atentando para existência do contraste social entre a parte baixa (comercial) e alta (residencial) do bairro. Enquanto a parte baixa evolui de uma forma ágil priorizando estruturas glamorosas onde quem frequenta são pessoas de alta renda a parte alta abriga a população que trabalha nas novas estruturas implantadas que vivem em ambiente que é imposto para atender as necessidades impostas pelos interesses mercadológicos.



Ao buscar entender um pouco sobre seus aspectos nos debruçamos ainda sobre a observação do público que frequenta essa estrutura, que é composto basicamente pelos moradores do bairro, estudantes da Escola Municipal Floriano Peixoto e turistas. Enquanto o turista utiliza o mirante como um lugar de passagem (local onde é utilizado por um curto período de tempo) no ato de contemplação da vista o morador que frequenta essa estrutura o utiliza como um lugar de permanência, devido ao estabelecimento de afetos estabelecidos nesse e por esse espaço. Já que é nele que se realizam momentos de lazer, descontração, descanso e encontros entre pessoas.

Visando a ampliação da praça ali existente de forma a realizar sua integração aos demais espaços turísticos (mirante, igreja e restaurantes) o poder público da cidade fechou a rua que possibilitava a execução de manobras para retorno do transporte que passava pelo entorno da praça e deslocou o ponto de ônibus de seu local central, como forma de possibilitar uma maior liberdade ao turista que por ali resolve passar. Porém com essa medida as necessidades daqueles que utilizam esse ambiente como espaço de permanência foram desconsideradas.

O mirante aparece então para nos retratar a forma como essas relações do mercado com a expansão da cidade atuam sobre os espaços públicos desta, assim como o modo pelo qual afetam a dinâmica daqueles vivenciam diariamente os espaços da cidade. Uma vez que ao se visar exclusivamente a atratividade turística de uma região fatores sociais e ambientais são negligenciados.

6. Considerações finais

A presente pesquisa viabilizou o desenvolvimento de uma nova percepção acerca dos processos de desenvolvimento urbano da cidade de Maceió, possibilitando a observação dos impactos da expansão ao litoral norte da capital alagoana a partir de uma perspectiva ainda inexplorada para pesquisas, a vista do alto de um Mirante. Isso ainda nos permitiu que percebêssemos os espaços dos mirantes de outra forma, re-conceituando-o frente às antigas conceituações amplamente conhecidas sobre esses espaços dotados de significados e significantes que carregam em suas estruturas representações.



Assim identificamos a inscrição do espaço dos mirantes para algo além de revelar uma paisagem ou causar uma interligação entre espaços que se põem distantes no meio geográfico, uma vez que os miradouros apreendem em si a representação de um poder hierárquico que visa manutenção de sua soberania e dominação de um povo. Tal estrutura é habilitada em Maceió como indicativo de para onde o “desenvolvimento” urbano aponta, legitimando o domínio de poderes políticos sobre a cidade. À medida que é solicitado o preparo de determinada área para recepção de empreendimentos turísticos e mobiliários o Estado rapidamente se move de modo a viabilizar estruturas públicas que indiquem e oportunizem o novo alvo do mercado.

A partir do Mirante Floriano Peixoto pudemos então entender a lógica que domina e rege não só esses ambientes, mas também toda a capital alagoana. Tudo aquilo que se volta para o mar deve ser explorado e valorizado, de acordo com os desejos de quem detém os meios de produção do mercado, enquanto que o que para dentro se volta não deve ao menos ser visto. O avanço da ocupação litorânea se dá segundo isso estabelecendo ainda a imposição de determinados modelos de construção e dinâmicas sociais, que ditam até quais comportamentos devem ser aceitáveis em determinados espaços. O que acaba então por propiciar não só um contraste visual nítido nas desigualdades vividas na cidade como também inicia e acentua um processo de exclusão.

Desde sua criação Maceió se mostrou uma cidade constantemente regida por um poder político que visava o desenvolvimento econômico apenas daqueles que já detinham os meios de produção e o poder na região, fato que segue expresso até hoje inscrito até na criação e modificação de espaços públicos. Assim, a cidade que é pensada apenas para aqueles que a dominam e que a ela não pertencem, segue criando uma imagem de venda que supervaloriza ambientes beira-mares, principalmente do litoral ao norte do porto da cidade, a partir da iniciativa privada com demarcações de valorizações públicas, enquanto negligencia o que não interessa por não possibilitar lucro devido à falta de atratividade, e torna os espaços públicos e a população marginalizados e excluídos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M.L.S. A Evolução do parcelamento do solo na cidade de Maceió entre 1950 e 1970: Uma análise dos bairros do Farol, Pinheiro, Pitanguinha e Gruta de



Lourdes. Maceió, 2007. 173p. Dissertação (Pós-graduação). Universidade Federal de Pernambuco.

CHERQUES, S. **Dicionário do mar.** São Paulo: Globo, 1999.

COSTA, C. **Evolução urbana e social de Maceió no período Republicano.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939.

DOREA, L. E. **Histórias de Salvador nos nomes das ruas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2006, 450 p. Bahia de todos collection. ISBN 978-85-22-087W3-8.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira. Curitiba: Positivo, 2010. 960p.

IBGE. **Ifonográficos: histórico,** Maceió. Disponível em:
<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?lang=_PT&codmun=270430&search=alagoas%7Cmaceio%7Cinfograficos:-historico>. Acesso em 20 de abril de 2016.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MADERUELO, J. **El paisaje urbano.** Estudios Geográficos, vol LXXI, Julio-diciembre, 2010. p.575-600

SIMÕES, L. (Org). **Enciclopédia Municípios de Alagoas:** 3ª ed. 2012. 540p.

VASCONCELOS, D. A. L. de. **Evolução histórica do destino turístico Maceió-Alagoas-Brasil: de antecedentes à atual situação.** Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR, Penedo, Volume 6, Número 1, Jan./Jun. 2016 p.139-164